

O Despertar do Laboratorio Chimico da Escola Politécnica

Graça Santa-Bárbara Ramalho

O Museu de Ciência da Universidade de Lisboa está instalado num edifício histórico da cidade.

No século XVII, nesse mesmo lugar fora construído o noviciado da Cotovia em terrenos doados à Companhia de Jesus por Fernão Telles de Menezes, ex governador da Índia e do Algarve, sendo Baltasar Álvares o autor da obra, em 1603.

Um século depois, expulsos os jesuítas do país, o Marquês de Pombal utiliza o edifício para a instalação do Real Colégio dos Nobres, após adaptação da estrutura existente, por Carlos Mardel, em meados de 1700. Dessa época resta ainda hoje o Picadeiro, classificado pelo Instituto Português do Património Arquitectónico, em 1978, como Imóvel de Interesse Público.

A revolução liberal trouxe a democratização do ensino e o "único instituto de instrução superior nascido à sombra da liberdade" — nas palavras de Alexandre Herculano — a Escola Politécnica de Lisboa, insituída em 1837.

A liberalização na Escola Politécnica, não prescindia do rigor, da actualização a par do ensino europeu e procurava a excelência. Assim, substituindo a retórica pela observação e pela experimentação, foram criados *estabelecimentos* de apoio ao ensino experimental: um Jardim Botânico, um Observatório Astronómico, um Gabinete de Física, um Gabinete de História Natural e um Laboratório Químico.

O laboratorio chimico da escola [Politécnica] é o mais vasto e ao mesmo tempo mais grandioso que todos os laboratorios da Europa, em que estudei, ou os que visitei.

Com esta avaliação iniciava, em 1877, o professor Agostinho Vicente Lourenço o seu Relatório referente a esse ano lectivo. Lourenço trabalhara no laboratório de Wurtz, no de Liebig e no de Bunsen, na Alemanha, e com Hoffmann em Londres, antes da sua entrada na Escola Politécnica como professor de Química Orgânica.

Onze anos mais tarde, José Júlio Bettencourt Rodrigues, professor de Química Mineral, consegue do governo a autorização e as verbas necessárias para instalar no Laboratorio o equipamento e as estruturas que possibilitam o ensino experimental da Química. Em 1890, o Laboratorio possui iluminação eléctrica, canalizações de água, instalações de gás e vapor nas suas 11 bancadas e nas 4 hortas, câmara escura para revelações de espectrografia e fotografia, armários repletos de material laboratorial, biblioteca própria e está pronto a receber os alunos inscritos no primeiro curso prático de Química da Escola Politécnica.

August von Hoffmann, discípulo de Liebig e

criador dos laboratórios universitários de Bona e Berlim foi então convidado a visitar e dar o seu parecer sobre a obra de J. J. B. Rodrigues. Em Janeiro de 1891, a revista "O Occidente" publica a carta que Hoffmann dirigiu a José Júlio Rodrigues, após a visita e na qual se refere ao Laboratorio como "um estabelecimento científico de primeira ordem, do qual qualquer país teria o direito de se orgulhar", cujas salas de trabalhos e auditório dispõem de uma profusão de ar e de luz raramente encontrados, associando a elegância e a utilidade como nenhum outro que conhecera.

Hoje, passados 110 anos, o Laboratorio Chimico é ainda raro, provavelmente único, a sua elegância mantém-se inalterável e o país deve poder orgulhar-se de possuir o testemunho da excelência que atingiu o ensino e a investigação químicos em finais do século passado.

Porém, para que continue a ser útil, agora na preservação e divulgação da cultura científica, é necessário recuperá-lo do desgaste do tempo e do uso e adaptá-lo às exigências museológicas de um espaço aberto ao público, onde este património científico português é exibido, explicado e preservado para o futuro.

O projecto de arquitectura não irá alterar, nem a nível da estrutura, nem do equipamento, o que de original restou até aos nossos dias. Apenas será reposado aquilo que foi alterado ou deteriorado nos últimos cem anos. As paredes retomarão o marmoreado ainda visível sob as várias camadas de tinta, as bancadas serão consolidadas, os candeeiros da época colocados nos seus lugares de origem.

Também o projecto museológico assegura a conservação do ambiente original na sua essência: grande parte da colecção de Química que pertenceu ao Laboratorio da 6ª cadeira, Química Mineral, conservada até agora nas reservas do Museu de Ciência, voltará aos seus lugares de outrora, nas suas caixas e estojos guardados nos grandes armários envidraçados, os planos de reagentes sobre as bancadas, de modo a que os futuros visitantes possam sentir o ambiente vivido no Laboratorio Chimico no século XIX. Mas não só através do olhar: pelas suas próprias mãos e de um modo participativo, utilizando réplicas e devidamente acompanhados por demonstradores qualificados, poderão também tomar contacto com as grandes questões que enfrentava a Química oitocentista.

É esse o projecto que o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa pretende realizar, assim que lhe forem disponibilizados os recursos financeiros para o pôr em execução.